



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A CRIATIVIDADE COMO PROCESSO POLÍTICO DO TRABALHO:
CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DE UMA LÓGICA CAPITALISTA*

Thais Guma Pagel¹

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a importância da criatividade, seja nas relações sociais ou nas relações com o meio ambiente. Nele, buscou-se focar a questão do desenvolvimento da criatividade como contribuição no processo político do trabalho, da construção da autonomia do trabalhador e da emancipação do mesmo visando transformações socioambientais significativas. Este trabalho pauta-se, assim, por explorar a relação intrínseca entre a criatividade e a emancipação do indivíduo através do trabalho abordando algumas questões ligadas a potencialidade do tema em contribuir para formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de transformar suas relações sociais e suas relações com o meio ambiente e de intervir de forma consciente na realidade.

Palavras-chave: Criatividade; Trabalho; Alienação; Capitalismo.

ABSTRACT

This article reflects on the importance of creativity, whether in social relations or relations with the environment. In it, we tried to address the issue of creativity as a contribution in the political process work, the construction worker's autonomy and emancipation of the same order significant environmental changes. This work is based, therefore, to explore the intrinsic relationship between creativity and empowerment of individuals by working through some issues relating to the subject potential to contribute to the formation of a critical and participative, able to transform their social relations and their relations with the environment and to act consciously in reality.

Key words: Creativity; Work; Alienation; Capitalism.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la importancia de la creatividad, ya sea en las relaciones sociales o las relaciones con el medio ambiente. En ella, hemos tratado de abordar la cuestión de la creatividad como una contribución en el proceso político de trabajo, la autonomía del trabajador de la construcción y la emancipación de los cambios significativos para el medio ambiente mismo. Este trabajo se basa, por tanto, para explorar la relación intrínseca entre la creatividad y el empoderamiento de las personas trabajando a través de algunas cuestiones relacionadas con el potencial objeto de contribuir a la formación de una crítica y participativa, capaz de transformar las relaciones sociales y sus relaciones con el medio ambiente y actuar conscientemente en la realidad.

Palabras clave: Creatividad; Trabajo; Alienación; Capitalismo.

¹ Graduada em Pedagogia – Ensino Médio. Especializada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Mestranda em Educação Ambiental – PPGA – FURG. E-mail: thais_pagel@yahoo.com.br.



1. INTRODUÇÃO

O homem nasce, e é a partir de sua condição humana que permite que ele adquira sua essência. No início o homem apenas existe, e a possibilidade de entender e compreender este homem surge logo depois. É a atividade criadora que permite ao homem decidir e construir sobre sua existência concreta (MARX, 2006). Assim, através da concretização de sua existência, o homem surge como um ser trabalhador que através do trabalho possui a capacidade de transformar sua realidade e suas relações com o meio ambiente. Dessa forma, ergue-se, então, uma relação dialógica e dialética entre o indivíduo, seu trabalho e o meio ambiente.

O trabalho enquanto atividade consciente para a produção da vida humana é uma atividade de intercâmbio entre os homens e a natureza, pois ambos são transformados nesse processo. Em todo processo de trabalho, o indivíduo transforma a si mesmo e a natureza através de algo tangível ou intangível (MÉSZÁROS, 2006). Assim, o produto do trabalho é a obra do trabalhador, é a concretização da sua criatividade. É onde o trabalhador se realiza, nesse e através desse projeto completando a si mesmo por contemplá-lo.

Ontologicamente, o homem se constitui a partir do seu trabalho. E consegue transformar a sua condição, a dos outros e a do meio ambiente através das suas relações sociais e das suas relações com o meio ambiente. No entanto, a divisão do trabalho, uma das características principais do processo de trabalho capitalista, resumiu o caráter criativo do trabalho, que é inerente a todos e a cada um dos seres humanos. Assim, a objetivação do trabalho se apresenta, principalmente, pela objetivação do capital, diminuindo, então, o próprio trabalhador na mesma medida em que ele produz.

Segundo Marx (2006), a alienação emerge como uma das características do processo de trabalho. O trabalhador produz mercadorias não para si, mas para o outro. Assim, o conceito de alienação se apresenta através do estranhamento que o homem estabelece com seu produto de trabalho, produto de sua própria existência. A subjetividade do trabalhador distancia-se cada vez mais de todo o processo complexo do trabalho, pois o objeto por ele produzido não carrega nada da subjetividade deste homem, como, por exemplo, a própria questão da divisão do trabalho, que expressa “a atividade do homem enquanto ser genérico” ou “a atividade humana como atividade



genérica” (MARX, 2006, p. 160). Assim, “a *divisão do trabalho* é a expressão econômica do *caráter social do trabalho* no interior da alienação” (MARX, 2006, p. 160).

Relaciona-se, então, a criatividade e o processo político do trabalho, a construção da autonomia e a emancipação do trabalhador ao visar transformações nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente através dos princípios de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória quando sua finalidade social é compreender o mundo e as relações sociais a partir do diálogo construído dos saberes coletivos, e mediado pela realidade problematizada ao valorizar as particularidades de cada um e de cada cultura.

Com base neste contexto, procurou-se, neste artigo, apresentar uma reflexão sobre a importância do desenvolvimento da criatividade nas concepções de uma Educação Ambiental voltada para a construção da autonomia e da criticidade do indivíduo visando transformações em busca de uma melhor qualidade nas relações socioambientais através do processo de trabalho construído, vivido e refletido.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO COMO IMPORTANTE PANO DE FUNDO DA REALIDADE CONSTRUIDA

A atual sociedade capitalista surge por valorizar a mercantilização e a centralização do poder ao indivíduo que, ao refletir sobre suas relações sociais e sobre suas relações com o meio ambiente, consiste em afastar-se da natureza como um todo. Assim, o capitalismo valoriza formas de compreensão da realidade a partir do reducionismo e da fragmentação dos fenômenos. Sua função social é promover o consumo através, principalmente, da criação de novos desejos fomentados pelos meios de comunicação como modo de manipulação (SANTOS, 1997).

O sistema capitalista se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção e pela liberdade de iniciativa dos próprios cidadãos (MÉSZÁROS, 2006). Assim, o capitalismo está voltado para a fabricação de produtos denominados mercadorias, com o objetivo de obter o lucro. Desse modo, a valorização das mais diversas formas de consumo acaba gerando a degradação contínua da natureza e do indivíduo na medida em que o ter é mais importante que o ser.

Segundo Guimarães (2000), “para esse modelo societal, o meio ambiente e o ser humano são concebidos de modo dicotômico” (p. 25), ou seja, historicamente, o ser humano a partir de uma



sociedade capitalista sente-se afastado do meio ambiente, pois “percebe esse ambiente como suporte para seu desenvolvimento a partir de uma visão servil, utilitarista e consumista, de dominação totalitária da natureza, potencializando uma desnaturalização da humanidade” (p. 25). Dessa forma, o mesmo autor complementa que “esse distanciamento entre seres humanos e natureza produz a degradação de ambos” (p. 25).

Ressalta-se, assim, o trabalho no sistema capitalista como forma de alienação do homem enquanto este apenas reproduz a sociedade vigente. A alienação se apresenta por estabelecer uma relação de estranhamento entre o indivíduo e seu produto. Pois, ao reproduzir a sociedade, o homem reproduz valores e formas capitalistas de compreensão da realidade, não sendo capaz de enxergar para além desta e, ainda, de transformá-la. Contudo, complementa-se a partir de Marx (2006), em *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, que:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens. (p. 111).

Dessa forma, ressalta-se que, a sociedade capitalista não promove o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada indivíduo. Pois desvaloriza a construção da autonomia e a capacidade de criar para além do que parece estar estabelecido pela sociedade enquanto esta constitui os indivíduos na mesma medida em que nós indivíduos constituímos a sociedade.

Assim, surge a criatividade como fator importante no desenvolvimento do indivíduo e que o favorece durante toda sua vida. É uma característica da espécie humana e tem sua prática na vida cotidiana. A criatividade é o exercício desbloqueado das próprias potencialidades e, portanto, está ligada à subjetividade de cada um através da produção do novo em prol de transformações nas relações socioambientais. E Predebon afirma: “o comportamento criativo é produto de uma visão de vida, de um estado permanente de espírito, de uma verdadeira opção pessoal quanto a desempenhar um papel no mundo.” (2002, p. 32).

Segundo Predebon (2002), a espécie humana tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente, produzindo o que pode ser chamado de criatividade. A capacidade de cada



indivíduo é desenvolvida em função do meio, ou seja, de seus estímulos e das limitações que apresenta. Assim, os fatos criativos distinguem-se da manifestação criativa nas artes pelo compromisso deles com a realidade.

3. A CRIATIVIDADE COMO PROCESSO POLÍTICO DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Anterior à Revolução Industrial e o começo do sistema capitalista, o processo de trabalho era distinto do processo que hoje se apresenta. Os indivíduos são dependentes um dos outros, e essa relação de dependência caracteriza as relações sociais de produção e outras esferas da vida pessoal dos trabalhadores. As relações sociais através do trabalho desvelam-se como as próprias relações pessoais, e não como as relações entre coisas ou mercadorias. O modo social do trabalho é diretamente o modo concreto do trabalho, é sua peculiaridade e não sua generalidade como acontece na produção capitalista.

Assim, surge a Educação Ambiental como possibilidade de superação da alienação proposta pelo sistema capitalista, pois contempla a complexidade das relações com o outro e com a natureza trazendo, assim, a capacidade de transformação a partir das próprias relações socioambientais, e não valoriza diversas formas de reprodução da mesma realidade. Ressalta-se, então, que este processo de transformação não existe sem sujeitos conscientes e capazes de perceber tal complexidade nas relações estabelecidas pelos indivíduos com os outros e com a natureza. Assim, segundo Loureiro, “o movimento de mudança da condição alienada no capitalismo deve ser complexo, integral e simultâneo.” (2004, p. 96), e que:

o processo de conscientização deixa de ser unidirecional, e passa a se definir como um movimento coletivo, com o mundo, pelo qual o ‘eu’ é sujeito e objeto do conhecimento e no qual ocorre um desvelar da realidade, que se realiza pela prática social (LOUREIRO, 2004, p. 96).

Dessa forma, as características da crise do paradigma hegemônico revelam as perspectivas de um novo paradigma na medida em que sustentam dicotomias como entre sujeito e objeto, e quando não contemplam o diálogo baseado na questão dialética e histórica da realidade problematizada e, principalmente, sobre as questões ambientais. Contudo, o paradigma hegemônico



entende meio ambiente como local de exploração econômica e não, segundo Lopez Velasco (2003), como espaço de tempo e história, ou como espaço físico e social onde os indivíduos interagem entre si e com a natureza.

Assim, segundo Guimarães (2000):

Parte-se, neste estudo, da concepção de que a crise ambiental reflete a crise deste modelo de sociedade urbano-industrial que potencializa, dentro de sua lógica, valores individualistas, consumistas, antropocêntricos, e ainda como componente desta lógica, as relações de poder que provocam dominação e exclusão, não só nas relações sociais como também nas relações sociedade-natureza (p. 24).

A Educação Ambiental compreende o indivíduo como autor da sua própria ação em comunhão com a natureza e na constante busca pela sua autonomia através de transformações na qualidade de suas relações sociais e das relações com o meio ambiente. Assim, o homem busca, através do diálogo, caminhos suficientes para a compreensão da realidade problematizada, e conscientemente é capaz de transformação individual e coletiva.

Segundo Ostrower (2008), “a consciência nunca é algo acabado ou definitivo” (p. 10), ou seja, “ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver e agindo, ao transformar a natureza se transforma também” (p. 10). Assim, “o homem não somente percebe as transformações como sobretudo nelas *se* percebe” (p. 10).

A criatividade traz a possibilidade do indivíduo se desenvolver a partir de suas próprias características em comunhão com o outro e seu meio, sem contemplar a padronização valorizada pela sociedade capitalista, pois, esta padronização existe justamente para a conservação da própria sociedade. Assim, “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando” (OSTROWER, 2008, p. 10).

Assim, a criatividade pode ser considerada um processo sociocultural e não apenas um fenômeno individual por não depender apenas de fatores intrapessoais, mas sim das contribuições construídas a partir das relações com o outro e com a sociedade como um todo. É a integração do fazer e do ser através da constante reflexão do próprio potencial criador para transformar a partir de um processo contínuo e dialético as relações socioambientais.



A criatividade se apresenta através do termo criar, ou seja, estabelecer relações até então não instituídas pelo indivíduo que visa transformações nas suas relações sociais e ambientais. Assim, a criatividade pode se referir ao indivíduo que apresenta características criativas, à interação de fatores que estabelece no processo criativo ou ao próprio produto do comportamento criativo. A criatividade emerge de uma nova relação resultante da capacidade única do indivíduo, da interação social e da relação com o meio ambiente.

Segundo Ostrower (2008), “o ato criador, sempre ato de integração, adquire seu significado pleno só quando entendido globalmente” (p. 56). Assim, também o ser humano não pode ser considerado através de suas partes, ou seja, só pode ser considerado como um todo integrado às suas partes. Contudo, esta visão global dependerá de uma sensibilidade necessária entre o todo e as partes constitutivas das relações sociais e ambientais. Assim, “*a visão global dependerá da sensibilidade de uma pessoa; ma, reciprocamente, para se transformar em capacidade criativa, a sensibilidade sempre dependerá dessa visão global*” (OSTROWER, 2008, p. 39).

4. A CRIATIVIDADE COMO SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO

Segundo Mészáros (2006), ao tentar conceber o homem como parte da natureza é necessário contemplar uma concepção histórica da própria natureza considerando a necessidade de conhecer de forma distinta o interior da natureza e também de uma forma particular de diferenciação “que resulta na relação intrínseca entre homem e natureza” (p. 116). Assim, este fator particular de diferenciação pode se apresentar através do conceito de atividade como trabalho que, historicamente, é anterior ao conceito de homem. Mas, segundo o autor, “essa prioridade é, evidentemente, relativa, pois todos os três membros dessa relação dialética pertencem ao mesmo todo complexo, e nenhum deles pode ser abstraído sem destruir essa relação específica como tal” (MÉSZÁROS, 2006, p. 117).

No entanto, segundo Marx (2006), ao partir de um fato econômico contemporâneo, “a realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização* do trabalhador, a objetivação como *perda e servidão do objeto*, a apropriação como *alienação*” (p. 112). Assim, ressalta-se que:



Há muito, o ser humano vive alienado de si mesmo. As riquezas materiais, os conhecimentos sobre o mundo e os meios técnicos de que se dispõe, em pouco alteram essa condição humana. Ao contrário, o homem contemporâneo, colocado diante das múltiplas funções que deve exercer, pressionado por múltiplas exigências, bombardeado por um fluxo ininterrupto de informações contraditórias, em aceleração crescente que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, em vez de se integrar como ser individual e ser social, sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e de realizar em sua vida conteúdos mais humanos (OSTROWER, 2008, p. 6).

Segundo Ostrower (2008), na produção capitalista, o processo de trabalho “reduz o fazer a uma rotina mecânica, sem convicção ou visão ulterior de humanidade” (p. 39). Pois, “se exclui do fazer o sensível, a participação interior, a possibilidade de escolha, de crescimento e de transformação” (p. 39). Também, “reduz a própria inteligência humana a um vasto arsenal de informações ‘pertinentes’, não relacionáveis entre si e desvinculadas dos problemas prementes da humanidade” (p. 39). Contudo, ainda segundo a autora sobre o trabalho e a produção hegemônica ressalta-se que, “enquanto o fazer humano é reduzido ao nível de atividades não-criativas, joga-se para as artes uma imaginaria supercriatividade, deformante também, em que já não existem delimitações, confins de materialidade” (OSTROWER, 2008, p. 39).

A criatividade por se apresentar através da produção do novo em sintonia com o meio ambiente permite uma melhor compreensão da realidade por um viés da consciência crítica sobre ela. Assim, o ser criativo é capaz de criar e se comprometer com o processo de criação e da mesma forma com seu produto. O comprometimento deve ser parte constitutiva do ser criativo, do processo de criação e da própria criatividade, pois permite ao indivíduo a consciência sobre a realidade e suas transformações.

Assim, complementa-se que:

A percepção de si mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana. Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais. Para tanto, a percepção consciente na ação humana se nos afigura como uma premissa básica da criação, pois além de resolver situações imediatas o homem é capaz de a elas se antecipar



mentalmente. Não antevê apenas certas *soluções*. Mais significativa ainda é a sua capacidade de *antever certos problemas* (OSTROWER, 2008, p. 10).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se realizar através do processo de trabalho, o homem precisa buscar meios que possibilitem uma aprendizagem significativa e criativa a partir das suas potencialidades. Faz-se necessário uma visão holística ao ser humano, para a compreensão integral do meio ambiente e de suas relações através de sua consciente capacidade de transformação. Assim, com uma visão integral do mundo, o homem é capaz de melhor perceber a realidade problematizada.

Assim, entende-se que desenvolver-se a partir das próprias potencialidades significa desenvolver-se de forma integral, pois conscientes das nossas características somos capazes de compreender e reinventar o nosso meio social para além de uma lógica alienante de mercado, que haja coerência entre a realidade e as necessidades humanas. Segundo Predebon (2002), a humanidade perde por “não existir um consenso de que criatividade é uma característica natural da espécie humana e de que seu exercício é absolutamente cotidiano” (p. 39).

Criatividade é o processo de interação entre indivíduos criativos através de suas construções e reconstruções do pensamento que, de forma intrínseca, geram transformações individuais e coletivas. Assim, criatividade é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve para reconstruir o próprio conhecimento. Sua motivação principal é a tendência do indivíduo para se realizar, para buscar ser as suas próprias potencialidades. Esta tendência faz com que o indivíduo construa novas relações com o ambiente em uma busca para ser mais inteiramente ele próprio. É um fenômeno autônomo na medida em que não percebe limites do pensamento, e, portanto, permite transformar a realidade a partir de sua problematização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. S.; FLEITH, D. S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.
- GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** São Paulo: Papyrus, 2000.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*A CRIATIVIDADE COMO PROCESSO POLÍTICO DO TRABALHO:
CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DE UMA LÓGICA CAPITALISTA*

- LOPEZ VELASCO, Sírio. **Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- LOUREIRO, Carlos F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. Trabalho Estranhado e Propriedade privada. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 79-90.
- MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**.
- PREDEBON, José. **Criatividade: abrindo o lado inovador da mente**. São Paulo: Atlas, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1997.